



Weberson Grizoste
Renan Albuquerque

Estudos
Clássicos e
Humanísticos
& Amazonidades

E82 Estudos clássicos e humanísticos & amazonidades/ Organizadores Weberson Grizoste e Renan Albuquerque. - Parintins: Gráfica e Editora João XXIII; Manaus: EDUA, 2016.

219 p.; 21 cm

E-ISBN 978-85-7883-390-9

ISBN 978-85-7883-395-4

1. Literatura Clássica 2. Literatura Indígena 3. Comunicação – Aspectos sociais 4. Abordagem Interdisciplinar do Conhecimento I. Título. II. Grizoste, Weberson III. Albuquerque, Renan.

CDU 821.14'02 (8)

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária/Documentalista **Daniele Canto Hagra**
CRB11/726

“Vera amicitia” em *As Confissões* de Santo Agostinho de Hipona

LUANA PANTOJA MEDEIROS¹

ALEXSANDRO MELO MEDEIROS²



Imagem de um Café Gourmet em Parintins. Arquivo Pessoal

Introdução

A frase acima foi visualizada em um café gourmet na cidade Parintins, município do interior do Estado do Amazonas, localizado a

¹ Graduanda em Letras. Universidade do Estado do Amazonas.

² Mestre em Filosofia pela UFPE. Professor de Filosofia da UFAM. Doutorando do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia/UFAM.

369 km da capital Manaus e imediatamente nos levou à reflexão sobre como as novas tecnologias têm afetado em maior ou menor grau as relações sociais, incluindo aí as relações entre amigos.

Aparentemente parecia um tema banal, comum, sem maiores motivos para uma reflexão filosófica, literária ou algo do gênero. Mas não era bem assim. O tema da amizade já ocupou a mente de filósofos da envergadura de Platão e Aristóteles. O grande orador romano Marco Túlio Cícero (2006) dedicou uma obra inteira ao assunto. Santo Agostinho também dedicou parte de suas reflexões ao tema em suas Confissões. E as referências ao tema da amizade não param por aí. *La Boétie* (1982), Michel de Montaigne (2002) e, mais próximos de nós, Arthur Schopenhauer (2002) e Zygmunt Bauman (2004).

Foi então que sentimos a necessidade de também nós, homens e mulheres pós-modernos, nos debruçarmos sobre o tema e não demorou muito para nos darmos conta de como as reflexões dos grandes filósofos gregos e latinos são presentes e atuais. É sobre algumas destas reflexões que dedicamos o texto presente que serviu de base para apresentação na 1ª Jornada de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins e compõe esta coletânea. Mas como o espaço não nos permite fazer uma longa digressão sobre o tema da amizade, vamos nos propor tecer algumas considerações sobre o conceito a partir do pensamento de um dos mais ilustres autores da patrística medieval que foi Santo Agostinho, bispo de Hipona.

Os filósofos gregos

Inicialmente devemos nos deter um pouco entre os filósofos gregos clássicos pois é praticamente impossível separar o pensamento filósofo medieval das influências das teorias dos filósofos gregos como Platão e Aristóteles. E como sabemos, Santo Agostinho

foi profundamente influenciado pela escola neoplatônica e em menor medida a filosofia estoica de Cícero.

Entre os grandes filósofos gregos vemos o tema da amizade ou, mais especificamente do verdadeiro significado do termo *philia* no diálogo *Lísis* de Platão (1995). O início do diálogo supõe uma relação de amizade, no sentido do termo *philia*, o que sugere uma amizade filosófica, ou seja, de amigos que buscam a sabedoria, entre Sócrates, Lísis, Hipótales (que se encontrava enamorado pela beleza física de Lísis) e Menexeno. O filósofo é por definição um amigo da sabedoria e na *philia* grega está presente o elemento racional que inspira o amor reto e equilibrado e direciona a alma para a amizade e o amor à sabedoria.

Discípulo de Platão, Aristóteles discorre sobre o tema da amizade em sua obra *Ética a Nicômaco*. Platão escreveu a maior parte de suas obras em formato de diálogo e aqueles diálogos considerados “socráticos” geralmente também são chamados de “aporéticos”, como é o caso do *Lísis* (ROCHA, 2013). Os diálogos aporéticos (SZLEKÁK, 2005) são aqueles em que o condutor do diálogo nunca chega a uma conclusão definitiva, deixa sempre “algo no ar”, o que é próprio do método da maiêutica socrática, cujo principal objetivo é conduzir o seu interlocutor a que ele próprio possa dar a luz a suas próprias ideias e, por isso, o condutor do diálogo deixa claro que outras coisas poderiam ser ditas a respeito de um determinado tema, como é o caso da *philia* na obra em questão, mas que não será feito no momento, com certeza com o propósito de dar ao interlocutor a oportunidade para que ele mesmo tenha tempo de amadurecer e “gestar” suas próprias ideias. Vale ressaltar que no fim do diálogo Sócrates confessa, um pouco enfasiado, não haver descoberto o que é um amigo já que através dos argumentos explanados com seus interlocutores não se chegou a uma definição precisa ou exata sobre o verdadeiro sentido da amizade e este é o sentido da *aporia*. Já

Aristóteles adota um método diferente. Aristóteles é mais sistemático, procura definir, conceituar, esgotar o tema do ponto de vista lógico e racional e o tema da amizade aparece no livro VIII e IX da ética nicomaquéia. E por esse motivo será tomado como ponto de reflexão mais até do que seu mestre Platão, a despeito de Santo Agostinho reconhecer a profunda influência que o platonismo ou, mais precisamente o neoplatonismo, exerceu sobre seu pensamento como já frisamos.

O tema da amizade está inserido no campo das ciências práticas da qual a ética constitui um de seus ramos e, segundo Aristóteles, a amizade é uma espécie de virtude ou então implica uma virtude. Ao analisar a “natureza” da amizade Aristóteles enuncia que ela é uma excelência moral e indispensável à existência humana. Estas razões são suficientes para inserir o tema da amizade em uma obra de Ética já que o que determina a excelência da existência humana é uma vida em conformidade com a reta razão e a virtude, através do equilíbrio nas ações humanas: “agindo de acordo com as virtudes (arete), e, de modo equilibrado via mediania (mesotes), em busca do bem supremo (a eudaimonia), conforme a finalidade (telos) da natureza humana, sempre orientada pela sabedoria prática (phronesis)” (PICHLER, 2004, p. 194 – grifos no original).

Várias são as razões para termos amigos em nossa existência: ninguém quer passar a vida sozinho mesmo tendo fartura de bens; a amizade ajuda os jovens a dar algum sentido à sua existência e ajuda os velhos a ocuparem o seu tempo. E ao analisar os diferentes tipos de amizade Aristóteles conclui que podemos falar de pelo menos três espécies: pelo interesse, pelo prazer e pelo bem (ROSS, 1987). Mas antes de aprofundarmos a concepção de amizade do filósofo estagirita vejamos um pouco de como Santo Agostinho se ocupa do tema para traçarmos em breves linhas as semelhanças e distinções entre as visões do filósofo grego e do filósofo da patrística medieval.

Santo Agostinho, bispo de Hipona

Em a “Perda Dum Amigo” no livro IV de Confissões, Agostinho de Hipona relata a perda dolorosa de um amigo. “De todas as amizades cultivadas por Agostinho nos tempos de escola, uma delas, se tornaria tão profunda e intensa que ele a consideraria, posteriormente, como se fosse uma parte de si” (SILVA, 2013, p. 24). Agostinho não cita o nome do seu amigo e a sua morte prematura causou imensa dor para ele que na época era ainda jovem. A afinidade com este amigo se deu por causa dos mesmos interesses nos estudos, foram colegas de classe e cresceram juntos. Agostinho se sente culpado, como relata em sua obra, por acreditar ter desviado o seu amigo da fé que professava.

Da verdadeira fé, que ele, na adolescência, já não conservava íntima nem profundamente, tinha-o arrastado para as minhas quimeras supersticiosas e funestas que faziam derramar lágrimas a minha mãe. Quanto à ideia este homem andava comigo errante. Minha alma já não podia passar sem ele (...) (AGOSTINHO, 1980, p. 91).

Agostinho ficou tão abalado com este episódio e relata em sua obra o quanto esse momento encheu de trevas o seu coração e foi motivo de infelicidade para sua vida. Esse fato marcou tão profundamente sua alma que, mesmo após muitos anos, quando é levado a escrever suas Confissões, procurou descrever com tamanha riqueza de detalhes o sentimento de amizade que nutria pelo seu amigo. Contudo, já com novos preceitos referente à amizade, o bispo reconhece que não era verdadeira por faltar os elementos da fé cristã.

Com efeito, só há verdadeira amizade quando sois Vós quem os enlaça os que estão unidos pela caridade difundida em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado, contudo, era-me sumamente doce esta amizade

aquecida de idênticos estudos (AGOSTINHO, 1980, p. 91).

Podemos perceber que mesmo lhe faltando os elementos cristãos, Agostinho atribui imenso valor sobre esta amizade, e relata em minuciosos detalhes, que sofreu um transtorno psicológico ao enfrentar a morte deste amigo “se dizia a minha alma: Confia em Deus! Ela não me obedecia, e com razão, pois o amigo querido que havia perdido era mais real que o fantasma no qual eu pedia que ela esperasse” (AGOSTINHO, 1980, p. 95). O Jovem se depara com a árdua tarefa de enfrentar um dos momentos mais difíceis de sua vida, e da vida de qualquer ser humano: o adeus a um amigo imposto pela morte.

Então, já não sentia-se mais confortável para continuar a morar na casa de seus pais, pois tudo era motivo para lembrar de seu amigo, motivo de infelicidade, tormento e dor levando-o, inclusive, a mudar de cidade: “[...] fugi da pátria: os olhos procurariam menos o amigo nos lugares em que não costumavam vê-lo, e, assim de Tagaste, vim para Cartago” (AGOSTINHO, 1980, p. 99). Somente o tempo e um novo lugar poderiam aliviar a dor pela morte de quem tanto amara.

Agostinho prossegue com o tema da Amizade quando se muda de Tagaste para Cartago “fugindo da dor e da tristeza causada pela morte de seu ‘amigo anônimo” (SILVA, 2013, p. 27). Dedicou algumas páginas de suas Confissões para falar de Vindiciano, Firmino, Alípio, Nebrídio, Romaniano. Todos representam um momento importante na vida de Agostinho nos laços de amizade que ele criou ao longo de sua vida. Algumas dessas amizades surgiram com a proximidade que Agostinho teve com alguns de seus alunos de suas aulas de retórica em Cartago, como foi o caso de Alípio e Nebrídio. E sobre este grupo de amigos, Agostinho confessa: “sem eles não poderia ser feliz (...) eu não amava esses amigos por interesse, e também eles me amavam

desinteressadamente” (AGOSTINHO, 1980, p. 169).

Esse foi, também, o caso de Nebrídio, que possuía muitas ideias em comum às de seu professor levando-os a uma grande amizade. Seus sentimentos eram tamanhos que este foi capaz de deixar os pais para seguir seu amigo e mestre “unicamente para viver comigo (Agostinho) na busca apaixonada da verdade e da sabedoria.” (SILVA, 2013, p. 28).

Sobre Nebrídio escreve Agostinho em suas Confissões como mais uma vez foi atingido pela tristeza devido à morte de seu amigo. Agostinho recorda com carinho do seu “doce amigo”. A morte de Nebrídio afetou Agostinho de forma diferente da forma como ele descreve a morte de seu “amigo anônimo”. Recordará com carinho daquele amigo que, ausente deste mundo, acredita estar gozando da vida eterna e na presença de Deus. “(...) aí está ele vivo, e liberto, Senhor. Pois em que outro lugar poderia acolher semelhante alma? (...) não creio, porém, que esqueça de mim, enquanto tu, que és o Senhor que o sacia, não te esqueces de nós” (AGOSTINHO, 1980, p. 169).

Agostinho era uma pessoa muito carismática e esbanjava simpatia “onde quer que passasse arrebatava para si, sem maiores dificuldades, uma legião de amigos” (SILVA, 2013, p. 29). Entre seus tantos amigos, Romaniano foi importantíssimo em sua vida e apesar de suas diferenças de idade e de posicionamento econômico-social mantiveram um laço de amizade tão forte ao ponto de lhe custear seus estudos em Cartago. Porém, a conversão de Agostinho viria abalar aquela amizade já que nem todos os seus amigos se tornaram adeptos à fé cristã. Romaniano era maniqueísta, e mesmo assim teve seu lugar em as Confissões recordado com gratidão e carinho. “(...) tu que havias protegido o berço, e se assim posso dizer, o ninho dos

meus estudos, sustentastes também os meus primeiros esforços, quando quis começar a voar sozinho” (AGOSTINHO, 1980, p. 71).

Observando as amizades anteriores ao seu processo de conversão Agostinho não as desqualifica pelas características típicas da humanidade que nelas estavam presentes. Ele as diferencia unicamente pelo fato de nelas faltarem a presença do Deus verdadeiro, dos preceitos cristãos, e por estarem impregnadas de maus elementos que as deixariam corrompidas.

Na leitura de sua vida o santo discorre sobre a amizade e revela que só é verdadeira (*vera amicitia*) aquela fundamentada em Deus e cuja união se dá na caridade que é fruto do Espírito Santo. Porém, antes mesmo de conceber este conceito de amizade, o bispo de Hipona confessa ter percorrido os caminhos tortuosos da amizade corrompida, fundada na satisfação do prazer e interesses egoístas.

A amizade em Aristóteles

Como vimos Aristóteles aborda o tema da amizade nos Livros VIII e IX de sua *Ética a Nicômaco* e o filósofo grego fala das várias formas de amizade que pode ser fundada no prazer recíproco, na utilidade que procuram, ou no bem (ARISTÓTELES, 1991). Valendo ressaltar, desde já, que a verdadeira amizade é a dos bons. O que não significa dizer que a verdadeira amizade não possa ser útil ou motivo de um prazer recíproco, visto que os homens bons também podem ser agradáveis ou úteis uns aos outros, “ou seja, que a amizade fundada na virtude é, ela também, útil e agradável” (BERTI, 2001, p. 30). Com efeito, não é este o sentido da frase que colocamos no início do nosso texto? De que a melhor rede social ainda é uma roda de amigos? Um dos fatores que provocaram nossa reflexão em torno deste tema é pensar na situação propiciada pela tecnologia moderna em que não é incomum perceber um círculo de pessoas

sentadas em uma mesa de bar ou de um restaurante (no nosso caso um café gourmet) e ao invés de estarem conversando entre si estão cada uma entretidas com seus celulares, conversando nas redes sociais, quando poderiam estar conversando entre si, aproveitando o momento para uma agradável conversa entre amigos “físicos”, mas a compulsão pela tecnologia tem nos proporcionado esse paradoxo pós-moderno.

Voltando ao nosso filósofo grego, podemos observar como Aristóteles conceitua as formas de amizade que se fundam unicamente no prazer ou na utilidade e que são chamadas de “acidentais” visto que não é amigo de alguém pela pessoa em si, mas enquanto proporciona algum tipo de prazer ou utilidade e tais amigos não se amam por si mesmos, mas enquanto existe algo do qual aproveitam um do outro. A amizade que tem como base a utilidade é acidental pois se a base desta amizade se extingue a amizade também desaparece, ou seja, a amizade só existe enquanto uma pessoa é útil para outra. Uma vez que uma pessoa cessa de ser útil não existe mais razão para manter a amizade. E o mesmo pode ser dito com relação a amizade que se funda no prazer. E nas palavras do próprio Aristóteles:

Há, portanto, três espécies de amizade, em número igual às qualidades que merecem ser amadas [...] as pessoas que amam as outras por interesse amam por causa do que é bom para si mesmas, e aquelas que amam por causa do prazer amam por causa do que lhes é agradável. Sendo assim as amizades desse tipo são apenas acidentais, pois não é por ser quem ela é que a pessoa é amada, mas por proporcionar à outra algum proveito ou prazer (VIII, 3, 1156 a 8-28).

Os tipos de amizade por interesse (utilidade) ou prazer buscam a

amizade não em vista do fim em si mesmo, mas como meio para alcançar algo que é bom para si mesmo. Ama-se em função de algum interesse ou do que é aprazível, mas não em função do amigo. Por esta razão, Enrico Berti (2001) afirma que a relação entre as diferentes formas de amizade em Aristóteles é determinada por aquilo que ela é “por si” ou “por acidente”, e que nos permite pensar em um tipo de amizade perfeita e outra imperfeita, sendo a amizade fundada no bem a única que pode ser considerada perfeita e essencialmente verdadeira. A amizade perfeita é rara e precisa de tempo para amadurecer.

A verdadeira amizade é, pois, a dos bons, como tantas vezes dissemos. Efetivamente, o que é bom ou agradável no sentido absoluto do termo parece estimável e desejável, e a cada um se afigura ser o que é bom e agradável e desejável para o homem bom (ARISTÓTELES, 1991, p. 178).

Na amizade verdadeira o fim proposto é o bem em si mesmo, nem o interesse nem o prazer, embora a utilidade e o prazer possam estar presentes na amizade: busca-se o amigo por aquilo que ele é em si mesmo, e não como um meio. Na amizade verdadeira cada um dos amigos quer o bem ao outro de maneira idêntica independente de qualquer tipo de utilidade ou prazer, mas porque a outra pessoa é boa e porque elas são boas em si mesmas. Os amigos querem bem uns aos outros por causa da própria natureza da amizade e quem ama um amigo ama-o por *ser* amigo.

Segundo Aristóteles, a amizade é uma necessidade de encontrar no outro parte de si mesmo, algo que se aproxime de sua própria imagem ou concepção de algo e ainda que possuamos diversos bens, riquezas, saúde, poder, ainda assim, não seria suficiente para uma relação plena, pois faltará a essencial e indispensável amizade.

Santo Agostinho e Aristóteles

A partir destas breves considerações é possível analisar como Santo Agostinho se aproxima do conceito de “amizade imperfeita” no sentido aristotélico do termo, de uma forma de amizade que não existe em si mesma e que é apenas “acidental”, existindo unicamente enquanto existir algum tipo de interesse ou prazer nessa relação, e como Agostinho vai além do conceito de amizade verdadeira do filósofo grego e que pretende ir além do conceito clássico de amizade, já que Agostinho procura associar o conceito de *amicitia*³ com uma conotação próxima do conceito de *caritas* que não acontece em Aristóteles e que está subjacente a uma espiritualidade monástica e fraternal, que resulta da consolidação de elementos tanto filosóficos como bíblicos. A amizade verdadeira entre amigos deverá manter um acordo entre as coisas humanas e divinas e que consiste numa articulação, em consonância com a tradição bíblica e cristã.

Santo Agostinho e Aristóteles concordam quando entendem que quando uma amizade é fundada apenas na satisfação de interesses e prazeres pessoais não pode ser entendida como amizade verdadeira e que além de uma amizade verdadeira, existem tipos de amizades que não são, porque acidentais e imperfeitas. E se para Aristóteles a verdadeira amizade só pode existir entre homens de bem, visto que deve estar fundada na virtude, Agostinho acrescenta a essa ideia o conceito de amizade cristã, a única que dura para sempre.

Agostinho foi tão influenciado pela sua conversão ao Cristianismo que isso afetou de alguma maneira seu círculo de amizades, já que nem todos os seus amigos, principalmente os de sua época das aulas de retórica eram adeptos da fé cristã e alguns, como Romaniano,

³ Um estudo contemporâneo do conceito de amizade levando em consideração a noção grega de *philia* (φιλία) ou latina de *amicitia* e de como os trabalhos de Aristóteles, principalmente a *Ética a Eudemo* e a *Ética a Nicômaco*, além da obra de Cícero, *Sobre a Amizade*, fundaram, em grande parte, todos os discursos sobre a amizade na tradição filosófica ocidental, é feito pelo filósofo francês Jacques Derrida (apud CAMPOS, 2008).

eram maniqueístas. Agostinho afirma inclusive não ter medido esforços para trazer seus amigos para aquilo que acreditava ser não apenas a fé verdadeira, mas a própria amizade verdadeira.

Fica claro como a concepção cristã de Deus influencia a visão de amizade de Agostinho e como isto o diferencia da visão grega aristotélica. Não existe apenas diferenças, mas também semelhanças. Para ambos, a amizade é uma das maiores qualidades que um homem pode ter em vida. Mas à concepção grega de *philia*, de onde se origina a própria palavra “filosofia” (amor à sabedoria, amigo da sabedoria), Agostinho se identifica com o conceito de *ágape* e *caritas* cristão: “para existir amizade, será necessário à presença de uma comunhão de ideias acerca do mundo humano e divino” (MARTINS, 2008, p. 213).

Podemos perceber nas nossas relações atuais através do avanço da tecnologia, mais precisamente através das redes sociais, o impacto que isso tem causado nas relações de amizade. Ao mesmo tempo que a internet é capaz de aproximar pessoas que estão distantes fisicamente ela também afasta as que estão próximas, como no caso do café gourmet que citamos anteriormente. Um enunciado incita os clientes a conversarem entre si pela falta de sinal de internet. Estamos diante de um paradoxo, amigos se encontram para um café, mas não conseguem se desligar do mundo virtual, sendo este uma espécie de extensão do próprio mundo real.

Zigmunt Bauman acredita que a amizade em tempos atuais segue vertentes muito distintas das que encontramos nos estudos clássicos como do filósofo grego Aristóteles e a que Santo Agostinho buscou qualificar como verdadeira. Acrescenta que “Os tempos atuais são líquidos. Tudo ocorre com intensa velocidade e nada é feito para durar, para ser sólido” (*apud* SILVA, 2013, p. 13), e isso afeta diretamente o homem e suas relações pessoais. Mas esta dificuldade ocorre somente na nossa vida concreta uma vez que no mundo

virtual não é tão difícil fazer novos amigos assim como também deletá-los, bastando para isso apenas alguns cliques.

Mas até que ponto a amizade nos tempos atuais segue vertentes distintas e até que ponto as reflexões de Aristóteles e Santo Agostinho nos ajudam a pensar as relações de amizade dos tempos pós-modernos? Qualquer que seja a resposta a esta pergunta, o que podemos afirmar independente do espaço e do tempo em análise, os laços de amizade capazes de durar uma vida inteira são aqueles que estão correlacionados com os mais nobres sentimentos humanos, desprovidos de interesses superficiais e de influências que possam corromper esta relação entre duas pessoas. E com relação aos preceitos cristãos de Agostinho, acrescenta-se elementos entre o mundo humano e o mundo divino baseado na caridade que é fruto do Espírito Santo.

Desta maneira, concluímos que tipos de amizade destacados por Aristóteles e Agostinho ainda podem existir nos tempos atuais e resistem as barreiras do espaço, do tempo e até mesmo do mundo moderno onde Bauman afirma que tudo é superficial e que nada é feito para durar. Mas com bom senso, cordialidade e sensibilidade é possível, ainda que em uma sociedade pós-moderna, vivenciarmos o prazer de uma verdadeira amizade.

Referências

AGOSTINHO, Santo. Confissões; De magistro. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores)

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco; Poética. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Coleção Os Pensadores; vol. 2).

BAUMAN, Z. O amor líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos. Rio de

Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BERTI, Enrico. A relação entre as formas de amizade segundo Aristóteles. *Analytica*, v. 6, n. 1, p. 23-44, 2001.

CAMPOS, Natália Ferreira de. A amicitia na obra *Politiques de l'amitié* de Jacques Derrida. *Anais XXIII SEC*, Araraquara, p. 42-48, 2008.

CÍCERO. *A Amizade*. Tradução de Luiz Feracine. São Paulo: Escala, 2006.

LA BOÉTIE, E. *Discurso da Servidão Voluntária*. Tradução: Laymert Garcia dos Santos. Ed.: Marilena Chauí. 2. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982; (Col. Elogio da Filosofia).

MARTINS, Maria Manuela Brito. *Amicitia nostra vera ac sempiterna erit: as fontes da amizade espiritual em Agostinho de Hipona*. *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, v.64, n.1, p. 209-240, jan./mar. 2008.

MONTAIGNE, M. *Ensaio*. Tradução brasileira de Rosemary Costhek Abílio. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2002.

PICHLER, Nadir Antonio. As três formas de amizade na ética de Aristóteles. *Ágora Filosófica*, ano 4, n. 2, p. 193-207, jul./dez. 2004. Disponível em: <www.unicap.br/Arte/ler.php?art_cod=1488>. Acessado em 22/10/2016.

PLATÃO. *Lísis*. Introdução versão e notas de Francisco de Oliveira. Brasília: UnB, 1995.

ROCHA, Gabriel Rodrigues. Caminhos possíveis do diálogo *Lísis* de Platão. *Intuição*, Porto Alegre, vol. 6, n. 1, p. 138-154, jun. 2013. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuicao/article/view/13579>>. Acessado em 22/10/2016.

ROSS, David. *Aristóteles*. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

SILVA, Joel Cícero da. A relevância do conceito de amizade em Santo Agostinho na pós-modernidade a partir dos questionamentos de Zygmunt

Baumam. Monografia (Filosofia). Centro de Estudos Filosóficos e Teológicos, Instituto Santo Tomás de Aquino, Belo Horizonte, 2013.

SCHOPENHAUER, Arthur. Aforismos para a Sabedoria de Vida. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SZLEZÁK, T. Ler Platão. Trad., Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2005.



Vou
o
louco
o
venlor
sem
comover
o
despazer
do
lucidez